

NÃO HÁ POSSIBILIDADE DE QUALQUER EXPANSÃO E CRIAÇÃO DE EMPREGOS HOJE

(Abramo Mozer, diretor da Hering.)

Empresários temem novo choque

A INSEGURANÇA VOLTA A RONDAR OS NEGÓCIOS, APESAR DAS GRANDE EMPRESAS NÃO ALTERAREM SEUS PLANOS.

GIOVANNA PICILLO

A mudança no Ministério da Fazenda não alterou os planos de investimento de grandes grupos como Gessy Lever, Brasmotor e Philips. Mas chegou a afetar negócios menores, como compra de máquinas, imóveis e pedidos de financiamento, constatam instituições financeiras. O principal efeito da saída de Paulo Haddad do ministério, entretanto, foi o de fazer recrudescerem no meio empresarial as críticas contra o presidente Itamar Franco. “Ao escolher um amigo como Eliseu Resende, que foi seu caixa de campanha, para a pasta da Fazenda, sem consultar o Congresso, o presidente Itamar está desrespeitando os fatos históricos que o levaram ao poder”, diz o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Fundição (Abifa), Adauto Ponte (ver matéria ao lado).

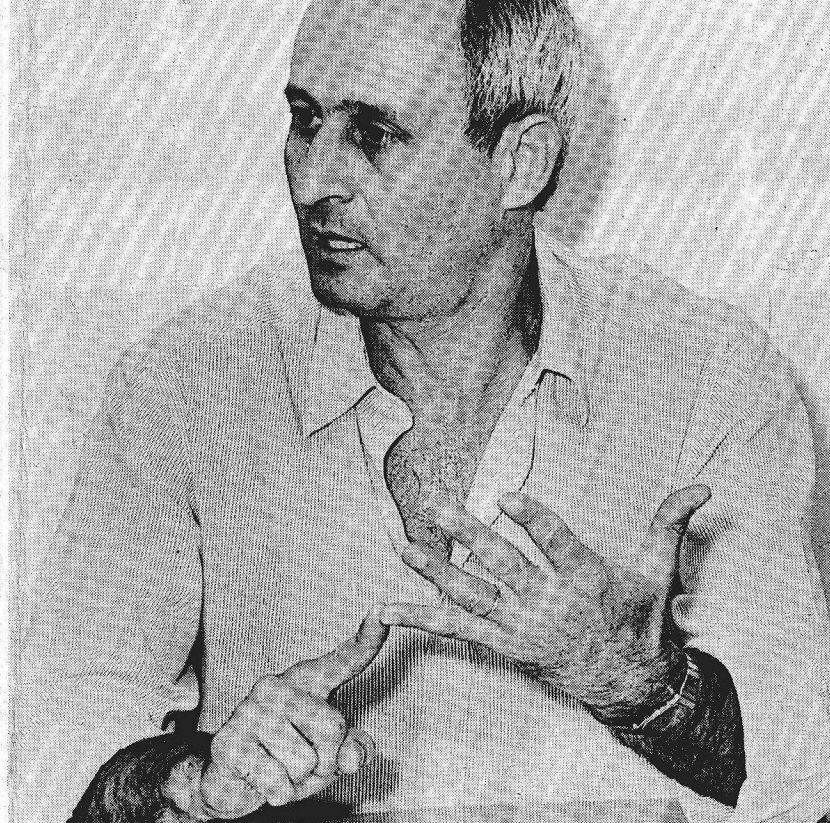
Apesar do ministro Eliseu Resende ter garantido que “não há planos” e que não haverá choques, a desconfiança voltou a rondar o meio empresarial. “Havia, até há poucos dias, um ligeiro movimento de retomada de investimentos. Mas o medo de uma intervenção na economia cresceu”, diz Maura Spielman, diretora do Corporated Bank do Crefisul. Por isso, algumas empresas preferiram adiar um pouco o investimento relativo ao curto prazo. O vice-presidente de finanças do Banespa, Vladimir Rioli, detectava, até o final de fevereiro, que algumas companhias, apostando em uma retomada da economia, ainda que lenta, começavam a se preparar para tirar da gaveta projetos de investimento. “Havia confiança na política do Haddad”, conta ele. Na sua avaliação a tendência, agora, é as empresas adiarem por 30 dias essas decisões, até que a situação se defina melhor.

A cautela na conclusão de negócios que estavam prestes a ser fechados não atingiu, entretanto, projetos de maior vulto, de grupos grandes como Gessy Lever, Philips e Brasmotor. O Grupo Brasmotor anunciou, nesta última semana, a decisão de investir, em 1993, US\$ 48 milhões na Brastemp, Consul e Semer, além dos US\$ 60 milhões que serão aplicados na Embraco entre 93/94. A Philips do Brasil também divulgou que investirá US\$ 25 milhões a US\$ 30 milhões em novos produtos e modernização da fábrica. “Há seis anos estou no Brasil e mudança de ministro nunca me preocupou”, diz Frans Sluiter, diretor-presidente da Philips. O Grupo Gessy Lever, que adquiriu recentemente a Cica, investirá mais do que os US\$ 90 milhões aplicados em 1992 — a previsão pode chegar até US\$ 110 milhões, diz Ronald Rodrigues, diretor de assuntos corporativos, ao ressaltar que os números ainda não estão fechados.

Outras empresas, como Hering e Dow Química, também estão mantendo seu cronograma. Mas, nesses casos, os investimentos em 1993 restringem-se à manutenção e programas de qualidade. “Não há possibilidade de se fazer qualquer expansão e criar empregos hoje”, diz Abramo Mozer, diretor financeiro da Hering. O diretor da consultoria Price Waterhouse, Célio Lora, observa que, à exceção de alguns grandes grupos, não há, em geral, grandes projetos em andamento no País hoje. “A perspectiva de inflação alta, continuidade da recessão, carga tributária elevada e provável mudança da política econômica aumentam o risco e a disposição de investir”, diz Lora.



Para Sluiter mudança não preocupa



Mozer não vê possibilidade de investimentos